

A candidatura militar

Há um aspecto político bastante positivo na candidatura do brigadeiro Ivan Moacyr da Frota à Presidência da República. É sintoma de que os militares, com maior consciência política e funções de responsabilidade no comando das Forças Armadas, não pensam em soluções extra-legais. O próprio brigadeiro reconhece a existência de grupos militares e civis que conspiram pensando em golpe de Estado. Mas para isso é preciso convir não haver clima nem externo nem interno que favoreça uma intervenção militar no processo político. É também pouco aprovável que o ex-comandante-geral-do-Ar tenha sucesso no seu projeto político, embora numa eleição direta tudo possa acontecer. Mas, levando-se em conta a lei das probabilidades, as chances de um militar alcançar em 94 a Presidência da República são reduzidíssimas. No entanto, a candidatura do brigadeiro tem um dado saudável, na medida em que com sua atitude demonstra crença na solução dos nossos problemas, pela via democrática.

Em 1945, dois militares, o general Eurico Dutra e o brigadeiro Eduardo Gomes, disputa-

ram a presidência da República. Foi vitorioso o general Dutra, apoiado por Getúlio Vargas. Mas naquela ocasião as circunstâncias políticas eram outras: tratava-se de uma tentativa de consolidar o processo democrático. Hoje, as condições políticas são inteiramente diferentes. No período de 37 a 45 os militares valeram-se de um político para governar o Brasil. Após 64 os militares assumiram diretamente a responsabilidade de governar o País, o que causou danos ao prestígio das Forças Armadas, como instituição nacional. Nos dias presentes os grupos que conspiraram contra o regime não falam em golpe, mas numa rápida intervenção militar, semelhante a de De Gaulle na França, que possibilitasse uma profunda reforma política e econômica, capaz de dar condições de governabilidade ao país. O problema é que na América Latina sabemos quando as intervenções militares começam, nunca quando terminam. Um registro final: refletindo um sentimento nacionalista muito forte nas Forças Armadas, do qual é reflexo, o brigadeiro é contra a privatização da Petrobrás e do setor de telecomunicações.

Sarney e as pesquisas

O resultado da pesquisa Data-folha, segundo o qual Sarney ultrapassou Maluf, como candidato a Presidente da República, vai mexer muito com o PMDB. Isso irá fortalecer a posição dos que defendem a candidatura do ex-presidente da República, do mesmo modo que influirá certamente na escolha do novo presidente do partido, prevista para setembro. Quem quer que tenha o comando do PMDB em suas mãos terá dado passo político importante na indicação do candidato partidário à sucessão presidencial. Quem está também absoluto nas pesquisas é Lula, do PT. Quêrcia demonstra que não se encontra morto, do ponto de vista popular, pois aparece empatado com Fernando Henrique Cardoso com 7 pontos percentuais. Isso depois da gi-

gantesca campanha desfechada contra ele pelos seus tradicionais adversários políticos.

Mas não devemos nos impressionar com o favoritismo com que despontam nas primeiras pesquisas alguns nomes. No curso da campanha o quadro eleitoral pode ser outro, totalmente diverso. Recordemo-nos da campanha de 89, em que no seu início Collor nem sequer figurava nas pesquisas. É uma lição que devemos guardar para melhores avaliações futuras. Claro que a eleição de 94 será diferente, pelas peculiaridades próprias de que irá se revestir. No entanto, o fenômeno poderá se repetir, embora com novas roupagens para atender às exigências das atuais circunstâncias políticas.